

---

O SEGUNDO WITTGENSTEIN: A LINGUAGEM E O SEU USO  
COTIDIANO

---

---

THE SECOND WITTGENSTEIN: LANGUAGE AND ITS DAILY USE

---

Hélio Rafael Frazão Pereira<sup>1</sup>

Gabriel Belisário<sup>2</sup>

### RESUMO

O pensamento de Ludwig Wittgenstein é caracterizado como uma filosofia analítica da linguagem dividida em duas fases: a primeira obra *Tractatus*, e a posterior, *Investigações Filosóficas*. O presente artigo se ocupará em abordar a temática da linguagem wittgensteiniana a partir da sua segunda obra, que é considerada como uma inovação em relação à primeira. Buscar-se-á compreender e clarificar o pensamento de Ludwig a partir dos conceitos *jogos de linguagem*, *uso das palavras*, *ensino ostensivo* e *linguagem privada*, bem como compreender o seu objetivo ao escrever a segunda obra, que é superar os problemas da filosofia tradicional.

**Palavras-Chave:** Wittgenstein. Linguagem. Jogos de Linguagem. Linguagem Privada.

### ABSTRACT

Ludwig's thought is characterized as an analytical philosophy of language, divided into two faces: the first work *Tractatus*, and the subsequent, *Philosophical Investigations*. This article will deal with the theme of the Wittgensteinian language from the second work, which is considered an innovation compared to the first. This article will seek to understand and clarify Ludwig's thoughts, from concepts such as *language games*, *use of words*, *ostensive teaching*, and *private language*, as well as understanding his objective when writing the second work, which is to overcome problems of traditional philosophy.

**Keywords:** Wittgenstein. Language. Language games. Private Language.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pelo Instituto Sapientia de Filosofia (ISF), de Francisco Beltrão (PR). Bacharelado em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (ITEPA) em Passo Fundo (RS). E-mail: heliopereira1223@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia pelo Instituto Sapientia de Filosofia (ISF) de Francisco Beltrão (PR). E-mail: gabrielbelisario@hotmail.com.

## 1 Considerações Iniciais

“Em suma, a filosofia é uma permanente ‘luta contra o enfeitiçamento da linguagem’” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 15).

Wittgenstein, filósofo contemporâneo caracterizado como precursor da virada linguística que consiste na centralidade da linguagem na reflexão filosófica, se propõe a analisar a linguagem abandonando pressupostos metafísicos. O Primeiro Wittgenstein, do *Tractatus*, agora dá lugar ao Segundo Wittgenstein, das *Investigações*, que buscará perceber a linguagem a partir do seu uso cotidiano, dando várias exemplificações de como ela se dá em determinados contextos.

Deste modo, surge a obra *Investigações Filosóficas*, cuja qual será apresentada uma análise e clarificação de conceitos neste trabalho. Esta obra fora escrita entre os anos de 1936-1951, quando Ludwig se retira, estando ora na Irlanda, ora no País de Gales, ora nos Estados Unidos, ora na Noruega. As obras de Wittgenstein marcaram o movimento conhecido como filosofia analítica, à medida que se perceberá tal movimento presente nas *Investigações Filosóficas*.

Para tanto, apresentar-se-ão os principais conceitos da filosofia da linguagem de Wittgenstein, e a problemática da filosofia concebida pelo autor, para que se possa compreender o núcleo do seu pensamento, sem se esquecer das suas críticas, seus argumentos, suas contribuições e o seu legado.

## 2 O primeiro e o segundo Wittgenstein

Distinguir o Primeiro do Segundo Wittgenstein só é possível quando se entende o conteúdo e a proposta de suas duas principais obras: o *Tractatus*, que se refere ao primeiro Wittgenstein, e as *Investigações*, que se refere ao segundo Wittgenstein.

No *Tractatus*, Ludwig pressupõe a análise de proposições comuns que podem ser decompostas em proposições elementares, propondo uma autossuperação da filosofia, sendo esta a favor da ciência. Nas *Investigações*, passou a analisar a linguagem através do seu uso real. Para tanto, recebeu impulso quando trabalhou lecionando para crianças de escolas primárias, percebendo como elas usavam as palavras, e observando que aprendiam através do uso. O segundo Wittgenstein enfatiza a vida cotidiana, uma linguagem que precede a vivência.

De acordo com Zilles, “No *Tractatus*, Wittgenstein afirma que ‘o enigma não existe’. Segundo as *Investigações*, todo o filosofar inicia com o enigma. [...] Fazia isso para trazer à luz dificuldades muitas vezes despercebidas nos pensamentos cotidianos.” (ZILLES, 2001, p. 94). O Primeiro Wittgenstein considerava a crítica da linguagem para conduzir uma linguagem que fosse real e capaz de figurar de forma adequada a realidade, ao passo que o Segundo Wittgenstein rejeita tal teoria, porque não vê mais uma realidade em si, mas o acesso ao mundo por meio da interpretação da linguagem.

Há uma diferença também no método das duas obras, pois no *Tractatus* o método é a análise lógica, ao passo que nas *Investigações* o método é das diferenças, uma vez que Wittgenstein trabalha assiduamente com vários exemplos para expor o uso da linguagem no cotidiano.

No prefácio das *Investigações Filosóficas* Ludwig admite os erros em sua primeira obra: “Desde que comecei, pois, há dezesseis anos, a me ocupar novamente com a filosofia, tive que reconhecer graves erros naquilo que eu expusera naquele primeiro livro.” (WITTGENSTEIN, 1994, p. 12). Agora, Wittgenstein quer, com seu segundo escrito, não “[...] poupar aos outros o pensar. Porém, se for possível, incitar alguém aos próprios pensamentos.” (WITTGENSTEIN, 1994, p. 12).

### 3 Entre Russell e Wittgenstein: o surgimento de uma nova filosofia

Em *Retratos de Memória*, Russell (1976, p. 15) apresenta que, próximo de 1913, um de seus alunos em Cambridge o perguntara: “O senhor poderia fazer a fineza de me dizer se sou ou não um completo idiota?” Russell não sabia o que responder e quis saber quais eram suas dúvidas. Assim o aluno lhe respondeu: “Se eu for um completo idiota, serei aeronauta, se não, serei filósofo.” Pedindo que escrevesse um texto, Russell o recebeu dizendo que não deveria se tornar aeronauta. Assim, surge nosso autor Wittgenstein, um dos filósofos expoentes do século XX, caracterizado por seu estilo peculiar de escrita, através de pequenos fragmentos e de um método analítico. Ele se tornou um dos precursores da virada linguística, a qual é conhecida como a centralidade da reflexão filosófica na linguagem, abandonando pressupostos metafísicos.

A guinada linguística fora também o resultado de uma mudança metodológica sobre o modo de entender as coisas. As pessoas começaram a usar a física, a sociologia, a psicologia e outras ciências para explicar coisas que a filosofia já havia tentado explicar. Por isso, a filosofia também mudou, e os filósofos deram ênfase na linguagem.

O método analítico marcado nestes autores tem como aplicação principal na filosofia duas perspectivas: a primeira consistindo na decomposição das expressões de partida com base em técnicas provenientes da lógica formal, que se baseia na ideia de que a expressão de partida tem uma lógica superficial como forma, e a partir da análise, encontra a forma lógica profunda, ou seja, difere e separa ambas, abordagem caracterizada principalmente pelo primeiro Wittgenstein. Por outra maneira, há a decomposição da sentença de partida com base nos recursos oferecidos pela linguagem natural, rejeitando a distinção entre forma lógica superficial e profunda, caracterizada pelo segundo Wittgenstein.

Portanto, o método analítico tem como princípio a desconstrução de problemas filosóficos da filosofia tradicional, pois assim, levando em conta que há equívocos oriundos de uma má compreensão da linguagem, precisa-se de uma análise conceitual.

#### **4 A linguagem como problema filosófico**

“Um problema filosófico tem a forma: ‘Eu não sei mais nada’”. (WITTGENSTEIN, 1999, §123).

A partir das considerações feitas, erige-se, pois, um questionamento acerca das *Investigações Filosóficas* do Segundo Wittgenstein: qual é o objetivo de sua obra?

O objetivo das *Investigações filosóficas* é superar os problemas filosóficos, através da análise do uso da linguagem cotidiana: “Queremos estabelecer uma ordem no nosso conhecimento do uso da linguagem; uma ordem para uma finalidade determinada; uma ordem dentre as muitas possíveis; não a ordem” (§132). (ZILLES, 2001, p.74-75).

Nesse sentido, Ludwig busca entender a linguagem a partir do modo em que ela é exercida em seu *uso*, uma vez que o uso de uma palavra é, segundo Zilles (2001, p. 75), a *vida* da palavra, o seu *significado*.

Para Wittgenstein, os homens quando filosofam são “seres selvagens, homens primitivos que ouvem o modo de expressão de homens civilizados, interpretam-no mal e tiram as mais estranhas conclusões de sua interpretação” (§194). Uma má compreensão da linguagem deriva uma má compreensão da sociedade, pois a linguagem é intrinsecamente inerente à vida social do homem.

É assim que ele abordará os problemas da filosofia como sendo más compreensões da linguagem. Por tal razão, o segundo Wittgenstein apresenta no aforismo §38 das *Investigações Filosóficas* que os problemas filosóficos nascem quando a linguagem entra em férias. Ademais, ele afirma que a filosofia de fato simplesmente expõe tudo, mas acaba não esclarecendo e nem deduzindo nada.

Além disso, a filosofia também é tratada como doença cuja cura ao filósofo é a abstenção ao filosofar, ou seja, é possível curar tal enfermidade, desde que haja em cada sujeito uma mudança de vida, que é uma mudança na própria maneira de pensar. A linguagem é como libertar uma mosca presa numa garrafa, sendo seu objetivo mostrar à mosca como sair pelo gargalo (§ 309, *Investigações Filosóficas*). Para tal tratamento não existe o método, mas sim *métodos*, não existe a ordem, mas *ordens*, e não existe a regra, mas *regras*, como se fossem diferentes terapias.

Para compreender, por exemplo, um problema a partir de um jogo de xadrez é preciso perceber como se deve jogar. Um problema no jogo de xadrez é resolvido quando existem regras, pois cada peça do jogo possui sua regra específica para jogar. O *cavalo*, por exemplo, só pode andar em forma de L. Duas pessoas que jogam o xadrez compreendem-se a partir de tal regra. A regra, no entanto, não se limita apenas a tal exemplo, mas se expande até mesmo para compreender a sociedade, pois a linguagem, como já dito, é parte intrínseca da vida social.

Para tanto, Ludwig percorre este caminho como objetivo das *Investigações Filosóficas*, abordando o significado das palavras, das regras, dos jogos de linguagem e da linguagem privada, esta última que resulta numa especulação de caráter relevante na linguagem wittgensteiniana.

## 5 Os jogos de linguagem como superação da filosofia tradicional

“Quando o Segundo Wittgenstein está a falar de linguagem é como se este falasse de jogos” (STRECK *apud* JUNG; COLETTI, 2016, 131).

Assim Wittgenstein concebe a linguagem na filosofia nas *Investigações*. Para isto, ele utiliza o conceito de jogos de linguagem e mostra o mesmo com vários exemplos, como o “cubo”, a “lajota”, entre outros.

Para iniciar sua obra, ele aponta para o ensino ostensivo das coisas, o qual o professor aponta para algo e o aprendiz dá nome ao mesmo, ou seja, o professor fala algo e o aluno simplesmente repete. Wittgenstein, com isso, tenta superar a concepção tradicional de linguagem na filosofia utilizando os jogos, mostrando regras e determinando sentido às expressões, por meio das formas de vida. Destarte, para melhor compreensão dos jogos, entende-se que há três pontos como base.

O primeiro ponto basilar é que a linguagem pertence de modo natural ao homem, ao passo que onde há homem, há linguagem, uma vez que a linguagem não é algo pronto, mas uma invenção humana. O segundo ponto é que Wittgenstein não define *jogos de linguagem* para não cair num essencialismo, pois o autor pretendia eliminar o sentido metafísico dado às palavras. E o terceiro e último ponto basilar é que Wittgenstein aponta e distingue dois tipos de gramática: a *superficial* e a *profunda*. A primeira é o conjunto de normas para construir corretamente as frases e a segunda liga-se às regras de um jogo de linguagem.

Ademais, no início das *Investigações*, Ludwig apresenta um texto das *Confissões* de Agostinho, o qual se apresenta como explicitador da linguagem agostiniana. É neste ponto que aparecem divergências entre ambos. Para Agostinho, a ideia de linguagem consiste no fato de que toda palavra tem um significado e que tal significado é o objeto que a palavra designa; assim, nas suas obras percebe-se que há uma noção de linguagem reduzida a descrever o mundo, assim como os objetos que estão nele. Em Agostinho, então, temos que as pessoas pronunciavam o nome de algo e quando moviam o corpo para esta palavra, o aprendiz via e compreendia o significado do objeto e o nome que pronunciavam.

No entanto, para Wittgenstein, Agostinho não aponta para uma diferença de espécies de palavras. Desse modo, Marciano Spica, comentador de Wittgenstein, cita

que: “A concepção agostiniana da linguagem é baseada na falsa ideia de que cada palavra da linguagem possui um significado.” (SPICA, 2009, p. 114).

Tendo em vista que para Agostinho a linguagem só serve para ensinar e recordar aquilo que aprendemos e, para tanto, depende do interior do homem, no qual está todo conhecimento, entendendo que temos um conhecimento inato, Wittgenstein aponta que a linguagem agostiniana, servindo apenas para designar objetos, é um sistema de comunicação que, todavia, não alcança a completude da linguagem. Com isso, a filosofia de Wittgenstein busca mostrar a concepção de um paradigma de linguagem que causa grandes mal-entendidos e que tem grande influência na tradição filosófica.

A linguagem agostiniana está na filosofia wittgensteiniana por três motivos. O primeiro consiste em que, para Wittgenstein, a linguagem agostiniana sugere uma ideia de essência da linguagem como a que denomina objetos ou coisas: desse modo, cada palavra tem um significado que corresponde necessariamente a um objeto. No entanto, o objeto não é ligado à palavra que denota significado a ela, às regras de uso de uma palavra que a preenchem de sentido. No segundo motivo, há a acepção da noção realista do significado, que está no desejo de preservar a objetividade, nascente do desejo de dar conta da necessidade de certas proposições. Assim, a noção agostiniana de linguagem deixa que se teorize sobre a objetividade do mundo e sobre a ideia de que existem verdades que são necessárias e independem de nós. O terceiro motivo está na concepção da natureza da explicação do significado que está ligada a uma determinada interpretação do papel das definições ostensivas, pela qual nos aproximamos de um conhecimento do sentido de determinada palavra.

Deste modo, Wittgenstein quer contestar estas ideias de que a linguagem tem uma essência, que a única linguagem com sentido é a ostensiva e de que a verdade possui uma objetividade necessária. Para ele, a palavra não tem um limite fixo e não se pode dizer que existe algo comum às utilizações que se faz dela.

Agora, pois, a ideia é voltar-se para a linguagem e olhar como ela funciona, ver se existe algo de comum nela. Assim, ao olhar para as atividades linguísticas, entende-se que não existe uma única linguagem, com uma forma única servindo apenas para comunicar algo; portanto, têm-se uma variedade de formas de linguagem, e nisto consistem os jogos de linguagem.

Os jogos de linguagem então – embora Wittgenstein não deixe claro um conceito do que seja, pois, do contrário, cairia num essencialismo – estão, segundo Jung e Colletti, feramente, como uma linguagem primitiva, pois, como afirma Wittgenstein, são jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna, ou processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada, ou ainda o conjunto de linguagem e das atividades com as quais está interligada uma ação humana, intrínseca ao próprio ser humano em si, criada de forma conjunta (Cf. WITTGENSTEIN, 1999, §7). Assim, mostra-se um modo coletivo de interação social comunicativa, na qual cada homem conhece seu papel e as regras que precisa cumprir. É por este viés que, segundo Streck, a linguagem significa uma interação social-simbólica, como condição de possibilidade. Destarte, no jogo de linguagem, o homem age, mas segundo as regras e normas que ele e os indivíduos estabeleceram e, por isso, o sentido da palavra está no seu uso, dependendo do contexto em que são utilizadas (Cf. JUNG; COLLETTI, 2016, p. 132).

Os jogos de linguagem são também entendidos como atividades mais ou menos complexas em que a linguagem é usada, sendo eles reais ou fictícios. Estes últimos servem de objetos de comparação que, por contraposição, apontam aspectos lógicos de nossa linguagem, assim, se distanciando das exigências do *Tractatus*. Deste modo, isto é exemplificado pela luta contra o enfeitiçamento da linguagem, na qual Agostinho apresentara uma imagem da essência da linguagem, pela qual o significado de uma palavra é objeto no lugar do qual a palavra está. Tal feito se mostra no aforismo §1 das *Investigações*:

Pense no seguinte jogo de linguagem: envio alguém às compras. Dou-lhe uma tira de papel com os sinais “cinco maçãs vermelhas”. Ele leva a tira de papel ao vendedor, que abre a gaveta em que estão os sinais “vermelhas”; então ele procura numa tabela a palavra “vermelho” e encontra na sua frente um modelo da cor; então ele recita a série dos números cardinais – suponho que a saiba de cor – até a palavra “cinco” e a cada número ele retira da gaveta uma maçã da mesma cor do modelo. – É desse modo e similares que operamos com palavras – “Mas como ele sabe e como deve procurar a palavra ‘vermelho’ e o que deve fazer com a palavra ‘cinco’?” – Bem, eu suponho que ele age como eu descrevi. Explicações devem ter um fim em algum lugar. – Mas qual é o significado da palavra “cinco”? – Sobre uma tal coisa não se falou aqui, apenas sobre como a palavra “cinco” é usada. (WITTGENSTEIN, 1999, §1).



Assim, Wittgenstein apresenta um modo de operar com as palavras “cinco”, “maçã” e “vermelho”. O interlocutor quer saber o significado de cada palavra e acredita que a descrição do uso não apresenta esse significado. Assim, parece que ele pensa que o uso supõe o conhecimento do significado: é deste modo que ele pretende mostrar que o acesso ao uso<sup>3</sup> é suficiente para adquirir o domínio da linguagem. Portanto, fica explícito que “os jogos de linguagem figuram muito mais como objetos de comparação, que, através de semelhanças e dissemelhanças, devem lançar luz sobre as relações de nossa linguagem.” (WITTGENSTEIN, 1999, §130).

Outro exemplo prático de jogo de linguagem em Wittgenstein está no modo como os construtores em determinada obra se comunicam, percebido logo após o exemplo das maçãs.

[...] A dá uma ordem da espécie: “d-lajota-ali”. Ao mesmo tempo faz com que o auxiliar veja um modelo de cor, e, pela palavra “ali” indica um lugar da construção. Da provisão de lajotas, B toma uma cor do modelo para cada letra do alfabeto até “d” e a leva ao lugar que A designa. – Noutra ocasião, A dá a ordem: “isto ali”. Dizendo isto aponta para uma pedra. Etc. (WITTGENSTEIN, 1999, §8).

Deste modo, percebe-se que a criança aprende uma linguagem e quando isto acontece, aprende também os numerais, bem como seu uso. Por isso, quando a criança aprende algo que lhe é mostrado e pronunciado a palavra, como “lajota” no exemplo citado acima, é chamado de ensino ostensivo das palavras, que estabelece a ligação associativa entre a palavra e algo mostrado. Assim “quando a criança ouve a palavra, a imagem da coisa surge perante seu espírito” (WITTGENSTEIN, 1999, §6).

## 6 Argumento da linguagem privada

Wittgenstein escreve acerca da linguagem privada: como é possível perceber a linguagem privada de que o mesmo fala? A linguagem privada é possível ou não? Como é concebida a percepção das sensações? É linguagem privada ou não?

<sup>3</sup> O uso entende-se como não necessariamente a definição da palavra, mas sim como ela é concebida, ou usada em determinados contextos, pois o sentido das palavras está no uso das mesmas.

É possível perceber o argumento da linguagem privada de Wittgenstein especialmente nos aforismos §273 e §280, que trazem exemplos acerca do argumento. Neste sentido, Wittgenstein escreve:

E o que se passa com a palavra “vermelho” – devo dizer que designa algo ‘que está diante de todos nós’ e que cada um deve ter além dessa palavra uma outra para designar sua *própria* sensação de vermelho? Ou dá-se o seguinte: a palavra “vermelho” designa algo conhecido em comum por nós; e para cada um, além disso, algo que apenas ele conhece? (Ou melhor: *refere-se* a algo que apenas ele conhece?) (WITTGENSTEIN, 1999, §273).

Deste modo, pode-se compreender que o filósofo aponta para as sensações, as experiências e os pensamentos sendo inalienáveis<sup>4</sup> e epistemicamente privados<sup>5</sup>. Como exemplo, ninguém pode sentir a dor do outro, ou saber quando sente dor; assim, ninguém pode saber o que quero dizer com dor. Ademais, o aforismo §280 aponta para o exemplo do quadro:

Alguém pinta um quadro para mostrar [...], como imagina uma cena de teatro. Então digo: “Este quadro tem uma dupla função; comunica alguma coisa a alguém – da maneira como quadros ou palavras comunicam algo – mas para o comunicante é ainda uma apresentação (ou comunicação?) de outra espécie: para ele a imagem de sua representação como não o pode ser para ninguém mais. Sua impressão privada do quadro diz-lhe o que ele se representou; em um sentido em que ele não pode representar o quando para os outros”. – E com que direito falo, neste segundo caso, de apresentação ou comunicação –, e se é que estas palavras tenham sido empregadas corretamente no *primeiro* caso? (WITTGENSTEIN, 1999, §280).

A partir destes dois exemplos percebe-se uma certa sustentação no que concerne a linguagem privada, pois as sensações dão esse suporte, dado que elas são individuais, pois cada pessoa faz sua experiência delas, a partir de suas vivências.

No entanto, o aforismo §272 aborda o conceito de linguagem privada que, embora dúbio, não é essencial ter um exemplar. Assim, Wittgenstein afirma que é possível a suposição, todavia ainda não verificada, de que uma parte da humanidade tenha uma sensação diferente de vermelho do que a outra parte, como, por exemplo, os daltônicos, que veem o vermelho como marrom, em alguns casos.

<sup>4</sup> Propriedade privada ou inalienáveis: ninguém mais pode sentir a minha dor; os outros podem, no máximo, sentir uma dor que seja semelhante à minha. (GLOCK, 1998, p. 282).

<sup>5</sup> Epistemicamente privadas: só eu posso saber que estou com dor, uma vez que só eu a sinto; os outros podem apenas presumir que a sinto, com base em meu comportamento. (GLOCK, 1998, p. 282).

Por outro lado, o filósofo afirma que não se pode dizer que os outros aprendem a sensação apenas por comportamento, pois não há como aprender se o indivíduo a tem. Por exemplo, João tem uma dor de dente, e apresenta um comportamento, porém, quem o vê deste modo, não aprenderá, ou não saberá que ele tem dor de dente, a menos que ele diga que está com dor de dente. No entanto, ainda assim, aquele que o percebe deste modo, não saberá a dor que ele sente, mas saberá aquilo que ele falou que está sentindo, o seu comportamento designado por símbolos e signos. Deste modo,

é impossível nos referirmos de forma direta às nossas sensações, ou seja, de termos um acesso desvinculado de uma rede inferencial, pois, “não se trata do fato de que nossas impressões sensíveis nos possam enganar, mas de que compreendemos sua linguagem. (E esta linguagem repousa, como qualquer outra, numa convenção). (ARAÚJO, 2014, p. 27).

Logo, se concebe que a linguagem privada não pode existir na filosofia de Wittgenstein, pois a mesma é impossível, porquanto o modo como comunicamos a dor é dependente da questão pública para designá-la, gerando, assim, um contexto de compreensão entre aqueles que se comunicam. Deste modo, essa compreensão é permeada de regras para se comunicar, ou seja, convenções as quais todos se entendam em determinado lugar. É por este viés que, no aforismo §202, ele entende que seguir a regra é uma *práxis*. “[...] ‘seguir a regra’ é uma prática. E *acreditar* seguir a regra não é: seguir a regra. E por isso não se pode seguir a regra ‘privatim’, porque, do contrário, acreditar seguir a regra seria o mesmo que seguir a regra.” (WITTGENSTEIN, 1994, §202). Assim, fica exposto que ele acredita que a regra convencional é aplicada às sensações privadas e, segundo o §248, estas são comparáveis ao jogo de paciência. Por este jogo, no qual só um jogador pode jogar, solitário, consigo mesmo, pensa-se que pode existir uma linguagem privada, pois o indivíduo age consigo como se fosse um monólogo, ou um solilóquio; no entanto, esquece-se que “para jogar são regras construídas publicamente, objetivamente, e qualquer pessoa que domine as regras pode muito bem jogar paciência” (ARAÚJO, 2014, p. 16).

É, pois, deste modo que se pode conceber a impossibilidade da linguagem privada para Wittgenstein: embora seja possível ter um diálogo sozinho, ou se aja solitariamente, estes dependem de um caráter público, ou seja, de convenções, de

símbolos, da linguagem de uma determinada sociedade. Ademais, se houvesse um homem solitário numa ilha, e ele entrasse num monólogo, ou em um solilóquio, ele teria pressuposições de um lugar o qual fora regido por uma moral, ou mesmo se estivesse dentro de uma linguagem e movido por certos costumes, é impossível que haja uma linguagem privada, pois, se assim houvesse, nem o próprio conseguiria entendê-la.

Assim, o aforismo §243 surge como explicitador para entender essas convenções pelas quais o indivíduo, mesmo estando sozinho e se governando, ainda está sujeito ao caráter público:

Um ser humano pode encorajar-se a si mesmo, dar-se ordens, obedecer, culpar e punir a si mesmo, ele pode colocar uma questão a si mesmo e respondê-la. Alguém poderia imaginar seres humanos que falassem apenas por monólogos, que acompanhassem suas atividades conversando com eles próprios. – Um explorador que os observassem e ouvisse suas falas, pode ter sucesso em traduzir sua linguagem para a nossa. (Isso lhe permitiria prever as ações dessas pessoas corretamente, pois ele também os ouviu fazer resoluções e tomar decisões.) Mas seria também concebível uma linguagem na qual alguém pudesse anotar ou exprimir suas vivências interiores – seus sentimentos, seus estados de espírito e assim por diante para seu uso próprio? – Bem, não podemos fazer isso em nossa linguagem ordinária? – Mas isso não é o que quero dizer. As palavras dessa linguagem devem referir-se àquilo que apenas o falante pode saber – às suas sensações privadas imediatas. Logo, outra pessoa não pode compreender esta linguagem. (WITTGENSTEIN, 1999, §243).

Destarte, neste momento fica destacado que, em primeiro lugar, os exemplos que o filósofo traz sobre monólogos, apontam que, embora o indivíduo haja de modo solitário, ele depende do caráter público da linguagem, mostrando que a linguagem privada não está neste ponto, pois estes exemplos só podem ser realizados na linguagem costumeira e usual. De outro viés, portanto, o aforismo §116 é mister e iluminador para entendermos a linguagem privada, cujo o qual afirma:

Quando os filósofos usam uma palavra – “conhecimento”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição/sentença”, “nome” – e tentam com isso captar a essência da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela faz parte? – O que fazemos é trazer de volta as palavras do seu uso metafísico para seu uso cotidiano. (WITTGENSTEIN, 1999, §116).

Pois, como afirma Araújo, a relação das sensações e das referências das palavras “acontece através de um aprendizado ou treinamento sobre o uso que

fazemos das palavras quando queremos nos referir a sensações” (ARAÚJO, 2014, p. 18). Assim, é possível compreender que se apresentou anteriormente a existência de uma interpretação metafísica da linguagem privada, em relação às sensações; todavia, apresenta-se, de outro modo, uma compreensão do aprendizado das sensações, a partir de nome e referência.

## 7 Considerações Finais

A obra de Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*, e o seu pensamento e conteúdo presente nela, expuseram um método adequado da interpretação da linguagem frente à realidade do mundo. Foi possível perceber e entender a diferença entre as suas duas obras, uma que buscou um método de análise lógica, e a outra que buscou um método das diferenças, de exemplos para compreender o contexto em que a linguagem é usada.

O conceito de jogos de linguagem foi de grande relevância para distinguir a linguagem agostiniana da wittgensteiniana, apontando que a primeira buscava o significado das palavras no objeto, enquanto a segunda nega isso, dizendo que o significado da palavra reside no seu *uso*. Com isso, buscava-se uma superação da filosofia tradicional. É preciso, pois, reconhecer a relevância das obras de Wittgenstein na filosofia, pois este dizia que a filosofia expõe, levanta questões, mas acaba não esclarecendo e nem deduzindo nada. Por isso que ele transporta as palavras de seu uso metafísico para o uso propriamente cotidiano, para que, assim, possa conseguir clareza completa, o que a filosofia tradicional teve dificuldades para fazer.

A linguagem privada que foi abordada como último ponto do trabalho foi importante para compreender como se dão as sensações na pessoa, entendendo aqui palavras como dor; mas, afirmou-se que tal linguagem privada não é possível, pois uma vez que a linguagem não se limita apenas a características gramaticais, mas é também é intrínseca à vida social do homem, as pessoas podem se compreender através de regras em contextos diferentes, o que, em outras palavras, seria como um costume na vida das pessoas, que transformam seus modos de vida e seus modos de linguagem.

Portanto, a filosofia da linguagem de Wittgenstein parte de uma linguagem cotidiana, que se compreende a partir das regras do contexto, do uso das palavras, dos jogos de linguagem e da compreensão do seu significado.

## Referências

ARAÚJO, João Paulo Maciel de. **Linguagem privada em Wittgenstein: Sensação, comportamento e outras mentes**. Recife, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10818/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Jo%C3%A3o%20Paulo%20Maciel%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf>> Acesso em: 15.jun.2018.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PINTO, Paulo Roberto Margutti; BRITO, Emídio Fontenele de; CHIANG, Luiz Harding. (Org.). **Filosofia e Método**. São Paulo, 2002, v.15, p. 125-145.

JUNG, Pedro Ernesto Neubarth; COLETTI, Luciana. **Investigações Filosóficas: a vida, as obras e o Giro Linguístico em Ludwig Wittgenstein**. Revista Filosofazer. Passo Fundo, RS. 2016. Disponível em: <<http://filosofazer.ifibe.edu.br/index.php/filosofazer/article/download/218/220>> Acesso em: 15.jun.2018.

MACHADO, Alexandre N. **As Investigações Filosóficas de Wittgenstein: Estilo e Método**. Disponível em: <[https://www.academia.edu/292110/As\\_Investiga%C3%A7%C3%B5es\\_Filos%C3%B3ficas\\_De\\_Wittgenstein\\_Estilo\\_E\\_M%C3%A9todo](https://www.academia.edu/292110/As_Investiga%C3%A7%C3%B5es_Filos%C3%B3ficas_De_Wittgenstein_Estilo_E_M%C3%A9todo)> Acesso em: 15.jun.2018.

RUSSEL, Bertrand. **Retratos de memoria y otros ensayos**. Tradução de Manuel Suárez. Madrid: Alianza Editorial, 1976.

SPICA, Marciano Adilio. **Wittgenstein: a religião para além do silêncio**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp114094.pdf>> Acesso em: 15.jun.2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 1994.

ZILLES, Urbano. **O racional e o místico em Wittgenstein**. 3ª ed. Porto Alegre:  
EDIPUCRS, 2001.

Artigo recebido em: 01/09/2021.

Artigo aprovado em: 22/10/2021.